ANO 1.º LISBOA — SABADO, 8 DE OUTUBRO DE 1921 N.º 158

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE

Director, proprietario e editor
JOAQUIM MANSO

Redacção, Administração e Oficinas
RUA DO MUNDO, 116, 1.
Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Diboa

O «COMITE'» geral das associações da imprensa francesa publicou em todos os jornais o seguinte:

O «comité» geral das associações da imprensa francesa, composto pelas sete grandes associações: Sindicato da Imprensa Parisiense, Associação Sindical Profissional dos Jornalistas Republicanos Franceses, Associação dos Jornalistas Parisienses, Associação e Sindicato da Imprensa Republicana Departamental, Associação da Imprensa Monarquica e Catolica dos Departamentos, Associação da Imprensa Plebiscitaria Departamental, Sindicato dos quotidianos regionais, — tendo conhecimento de que cada uma destas associações recebeu convite para uma conferencia que tem por fim a creação de uma nova união internacional da imprensa, a realizar-se em Bruxelas no dia 9 de outubro, vota, por unanimidade, a seguinte ordem do dia:

«Considerando que não há motivo para crear um instrumento novo em substituição da antiga união internacional, que durante 27 anos prestou á imprensa serviços incontestaveis, e que precisamente está, á hora actual, em via de reconstituição sobre bases conforme á situação internacional derivada da guerra;

Resolve que as grandes associações que formam o «comité» geral não devem tomar parte nessa conferencia».

***

O DIRECTOR do Asilo D. Maria Pia, sr. Cesar dos Santos, está sendo sindicado, apezar do sr. ministro do Interior o julgar um funcionário zeloso e competente, como há dias declarou, quando deu posse ao sindicante—o sr. Rafael Duque. Já se afirma que a sindicancia poucos resultados dará por ela ter sido motivada por um conflito havido entre o sr. Cesar dos Santos e alguns professores contractados, que abandonaram as aulas antes do tempo.

***

CERTAS noticias, referentes a diplomatas portuguezes, que sobrepticiamente vêm da Arcada, são confeccionadas em Paris, por um vulto republicano, retirado da politica activa, que frequentes vezes vem a Portugal.

O caso deve-se passar mais ou menos assim: Por carta, e muito particularmente, o vulto republicano escreve aos *reporters* da Arcada, que ingenuamente creditam nas informações e as enviam para os jornaes.

Aquela legação de Paris foi sempre um pomo dourado, muito de apetecer.

***

O SR. António Cabreira, matemático e cavaleiro, enviou uma carta a *Imprensa da Manhã*, em que diz ter comparecido á recepção de Belem, no dia cinco de Outubro, por três importantes razões: 1.ª—Ser presidente da Academia de Sciencias de Portugal; 2.ª—Adversário da monarquia constitucional; 3.ª—Amigo do sr. presidente da Republica. Para lá não ir só tinha uma—não professar a politica do regime. Com três razões pró-Belem e uma contra, o sr. Cabreira resolveu a mais dificil das suas equações—a de se afirmar contradizendo-se, e a de se contradizer, afirmando-se.

A proposito duma entrevista

Um dos redactores do «Diario de Lisboa» ouviu ontem em sua casa o sr. dr. João de Deus Ramos, ex-ministro da Instrução e creador do tipo nacional dos chamados Jardins-Escolas.

E' um dos poucos portugueses que vê na sua patria uma alta aspiração de espiritualidade e não um mero ajuntamento de roedores e lambazes, devorando na mais parda inconsciencia o nosso patrimonio.

Entende que, embora a nossa situação economica e financeira exija remedios eficazes imediatos, todo o mal de que enferma a Republica provêm da falta de uma cultura. Emquanto esta não fôr um facto, os espiritos viverão sem disciplina, as almas vogarão na incerteza, os apetites não conhecerão lei, a pedanteria vencerá o saber, a ignorancia há de prejudicar a obra da inteligencia.

E' incontestavel que, em outubro de 1910, houve pessoas que compreenderam esta necessidade urgente e primacial — fazer da democracia uma conquista de perfeita educação que transformasse a cidade portuguesa, no sentido de, dentro dela, a liberdade ser um movimento reflectido da consciencia dos cidadãos. Infelizmente, sairam muitas reformas para os varios ramos do ensino publico, desde o primario ao superior, sem que nenhuma delas conseguisse resolver um problema da maior importancia social.

A Republica, como dá a perceber o sr. dr. João de Deus Ramos, existe, mas sem saber bem o que quere nem o que pretende, umas vezes não distinguindo um acto heroico de um gesto covarde, o labor construtivo de um homem competente dos devaneios e desvarios de qualquer imbecil ou sonhador das ruas. Constantemente se anuncia a formação de partidos novos, sob o patrocinio de criaturas que, se percebessem bem a responsabilidade de tais empresas, cairiam tanto em si que nunca mais se levantariam para representar qualquer papel politico. As tradições do nosso velho ensino perderam-se, sem que se creassem outras para as substituir. Mestres e discipulos não se entendem, porque há preguntas a que aqueles nunca poderão responder e respostas que estes jámais poderão compreender. Isto corresponde á morte da curiosidade, que é a mãe da sciencia. Deus desapareceu como personagem desnecessario ou noção confusa. Em seu logar, que apareceu? Houve quem quizesse impôr a idéa geradora da Patria.

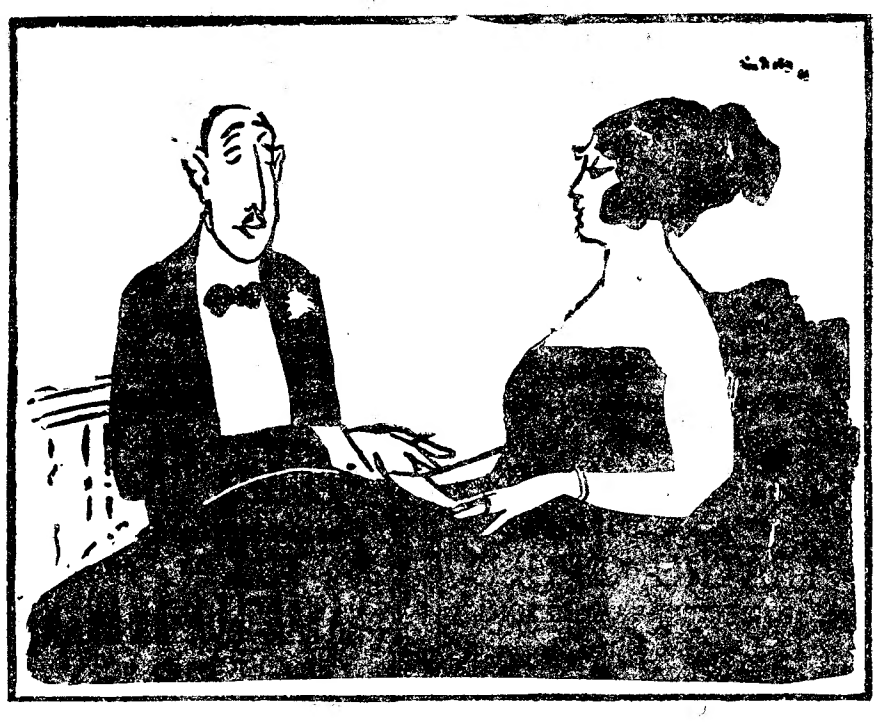
O sr. José de Castro, homem tranquilo e de andar campesino, propôs o culto da arvore.

Qual foi o resultado?

A Patria, desunida, revolta e sceptica, não encontrou a sua unidade.

A arvore, apenas constou que lhe devíamos veneração e respeito, provocou logo as iras destruidoras dos anarquistas das estradas e jardins que a deixaram sem prestimo nem para acolher bandos de pardais.

SENSIBILIDADE...



(Desenho de Gasper)

ELA — O que demonstra que a mulher tem o espirito mais sensivel do que o homem é o seu amor pelos animais.

—Sem duvida! Todas elas têm um gato, um cão —ou um marido...

IDA Rubinstein, dum cabotinismo genial, com poses hieráticas, partiu para o sul da Abissinia, em busca de notas e sensações raras.

—«Sim, disse ela a um jornalista, adoro a existencia livre da selva, em plena natureza selvagem e primitiva, as noites debaixo da tenda, vivendo as aventuras dos nomadas».

A creadora do *S. Sebastião* e da *Pisanella* recebeu um enviado das *Lectures*, na sua sala de dança, que ele descreve assim:—«As paredes foram decoradas pelo pintor Bakst, numa tonalidade azul em que se harmonizam as *nuances* claras e carregadas. Num angulo, um grande piano sombrio; aqui e ali assentos de velha laca chineza.

«Um enorme envidraçado, semi-velado por altas cortinas de tela de ouro, ilumina o recinto. Atravez de largas janelas fronteiras, descobre-se um delicioso jardim de sonho, com os seus relvados, as suas *pergolas*, os seus pequenos buxos talhados, as suas aleas de mosaico de côr azul.

Ao fundo, num aco de pedra, erguem-se em hemiciclo, esbeltas colunas corintias, em roda dum banco.

Ao fundo, num saco de pedra, erguem-se cia em, que flutuam belos nenufares rôxos».

***

LUCILIA Simões mostrou-se ontem ao publico num camarote do Politeama, durante a representação da *Raça*, de Lina-res Rivas.

No fim do segundo acto, clamorosa ovação a Lucinda Simões e a outros interpretes. O publico, erguendo os olhos até Lucilia, enviou-lhe uma saudação unanime, veemente, saudosa. Um cavalheiro, sem saber do que se tratava, largou a aplaudir como um possesso. Asserenado o entusiasmo, preguntou ao seu vizinho da direita, apontando Lucilia:—«Quem é aquela senhora?»

***

ANTES de Rosa Araujo substituir o antigo Passeio Publico pelá recta da avenida da Liberdade, esta rua do Mundo em que assentamos arraiais, era das mais belas, senão a mais bela da cidade. Hoje mesmo, apesar das avenidas novas, que somam mais de uma duzia, ela é interessante a valer cheia do bulicio civilizado dos *electricos* e da gritaria pré-historica das peixeiras. Construções solidas, em bom estado de conservação — excepção feita de um predio que estamos a vêr da janela desta redacção e que, mais parecendo uma enorme caixa de charutos, apresenta uma fachada tão distingida e tão salpicada de farrapos de cartazes, que a custo se percebe que, em tempos remotos, devia ter sido pintada por igual, com uma côr de laranja demasiadamente madura. Porque não obriga a Camara Municipal o respectivo proprietario a contribuir para a estetica da rua, mandando-lhe pincelar o predio, que constitue a vergonha de um bom quarteirão de construções que se sabem apresentar de cara lavada?...

***

SABEMOS que o poema de Eugenio de Castro — *S. Macario* revela um aspecto novo da sua compreensão das coisas — a santidade interpretada como a expressão mais alta do amor humano e divino.

PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES

"A RAÇA"

peça espannola, Linares Rivas, autor, Interpretação da Companhia Lucilia Simões, representou-se ontem no Politeama.

Comentarios do "Diario de Lisboa", por Norberto de Araujo

A peça de ontem no Politeama, primeira de assinatura, casa cheia e muito bonita, sem Lucilia Simões ainda, e já com um ambiente de espectativa que paira á roda dos nomes e dá anciedade que se está fazendo por bom teatro—há pouco a dizer, em relação á comedia. Liñares Rivas é um interessantissimo e consagrado escritor espanhol e em Espanha, e do seu nome o relativo prestigio chega até cá, nas lombadas e nos recortes criticos, uma salutar impressão de arte. Em verdade, porém, isto é insuficiente para que nós, portuguezes, nos dêmos á amabilidade elegante de achar a sua obrinha, ontem interpretada por um grupo de artistas honestos, coisa de ver-se. A *Raça*, é uma peça sem raça, sem sangue, sem vibração, artificial e repetidissima. E' um pretexto para se fazer comedia durante três horas, pretexto futil, em todo o caso agradável, e só como tal o taremos que comentar. Nunca criticar. Nesta secção isso não se usa para peça alguma. Liñares Rivas, pelo que dele todos sabemos, é superior ao trabalho de novela ligeira, ontem amparado por D. Lucinda Simões e seus companheiros. Não cometamos, comtudo, a indelicadeza de deixar a peça espanhola sem dois comentários, que não são por favor, mas tambem não são escritos por exigencia natural do acontecimento, em referencia e jornalismo.

A peça e a sua intenção

Liñares Rivas põe o conflito de classes com elegancia, e imprime-lhe, numa grande naturalidade castelhana, o carácter da própria raça onde se filia o seu talento forte e bem acompanhado de cultura. O facto de estar muito explorado já em teatro, em jornal, em livro, em critica social, o tema vago que ele desenha, não era impedimento para que na *Raça* houvesse originalidade literária. Não há. E' trivial como um folhetim. A Senhora Duqueza Angela de Azaral, grande de Espanha e orgulho á altura do seu brazão, guarda com uma avareza de fidalga sem leitura e com uma pertinácia intolerante de velha, os pergaminhos da casa e os titulos gloriosos da raça, que negam o direito ao cruzamento com plebeus e ás ligações com as classes médias, ainda que bafejadas da fortuna. Seu filho, herdeiro do titulo seus netos, os condes de Eguize, vencidos pelo espirito do seculo e pelas aventuras financeiras, arruinaram a casa. Devassam, primeiro as rendas, depois, a austeridade honrada da familia. Angela de Azaral, entregue ao cura confessor e á contemplação dos seus quadros do passado é alheia á ruina. Mas no convivio desta familia entrou um dia um plebeu, homem de negócios, novo, forte, ardente, riquissimo, que se apaixona pelo anjo da familia, flôr de liz naquele pantano da Raça, neta da Senhora Duqueza, dezassete anos, talvez, e que é a Marqueza de Doninos. Principia o conflito; os arruinados fidalgos vão pedindo emprestimos a Ismael, o plebeu rico, e este, dando o dinheiro entre um sorriso irónico e uma indiferença que vem da consciencia do seu pulso rijo e da sua alma tranquila, temperada pelo infortunio dos primeiros tempos—é dentro em breve crédor de quási toda a decaida fortuna da casa. O seu amôr pela gracil marqueza é sincero e o plebeu sóbe a pedir a sua mão á velha fidalga, orgulhosa. «Não! Não! Sáia já desta casa». E são consultados os filhos, os netos, o confessor, todas as vergonteas nobres da familia. Os arruinados e ambiciosos fidalgos acham toleravel o casamento. Pudera, se ele, Ismael, é que lhes póde emprestar o dinheiro para não venderem os palácios! «Pois saiam todos! Tudo para fóra desta casa Onde está a minha Raça? Onde está a flôr da minha nobreza?» Etc., etc. Pouco falta para que a Senhora Duqueza de Azarel morra de um ataque apopletico. Mas... a verdade vem depois. Um seu filho segundo, o filósofo da peça, arruinado de bens, mas ainda arremediado de honra, D. Diogo, prepara as coisas. «Estão arruinados. Ismael, o rico homem de outra casta, salvará com seu casamento com a Marqueza de Doninos a nobre e quási indigente familia». E, com algumas scenas bonitas de amôr, outra hipótese de apoplexia, algumas ridiculas farçadas cómicas, em que é fertil o teatro espanhol, e em Espanha, fica muito bem—a peça termina, consentindo a Duqueza o casamento.

Há alguma intenção em tudo isto? Que objectivo moral pretende o autor? Castigar os preconceitos? Dar titulo de nobreza á fortuna, conquistada pelo trabalho? Machadar o velho consenso espanhol da perpetuidade legitima e integral das castas? Crêmos que não houve outra intenção senão a de fazer teatro, explorando um conflito fácil de efeitos. Se assim foi—e interessa-nos tão pouco!—a peça segura-se á sua insignificancia com três frases declamadas de tribuna, com alguns belos efeitos scenicos, onde se sente o poder do talento de Liñares Rivas, e com vinte ditos preciosos que fazem rir as ultimas filas das cadeiras, num espirito longe do francez e do nosso, mas tão simples e por isso mesmo tão natural, que seria arrôjo não lhe achar uma virtude.

Em resumo, a peça não vale um estudo aturado, e pertence á classe mais infima, menos poetica, menos bela de todo o futil mas encantador teatro espanhol...

A interpretação de D. Lucinda Simões

A interpretação dos papeis graves de grande senhora, é sempre dada por D. Lucinda Simões, com notável perfeição. Existe, por vezes, linha academica e ritmica na modelação escultural das personagens, que tem encarnado em meio seculo de teatro. Isto, que se chama beleza no mármore vestido de curvas e de atitudes, e que é tudo quanto há de mais subjectivo, passa a tomar corpo na realização ficticia das figuras creadas pelo autor e onde a comediante está á vontade, numa naturalidade que chega a atingir o exagero, matando a ficção á força de assemelhar a vida. A critica chama então, e chama sempre, *ilustre* a D. Lucinda. Ilustre, é o seu adjectivo. Ontem, D. Lucinda Simões não esteve ilustre. Hemos de o dizer, e vamos fazer o possivel para o provar.

O papel de Duqueza de Azaral é feito de rábulas sôltas. Não tem continuidade. D. Lucinda Simões deu á banal figura, onde o seu formoso talento inconsciente póde encontrar, apezar de tudo, motivos de emoção, uma interpretação fácil. Foi uma velha tonta quási sempre, a Senhora Duqueza de Azaral. A prudencia, o respeito que temos por D. Lucinda Simões, como artista principalmente, não nos póde obrigar a estar cegos, ou a ser benevolentes—o que seria afrontar o seu trono ilustre e diremos que magestático. No final do segundo acto, quando Angela expulsa toda a familia e Ismael de sua casa, D. Lucinda foi magnifica. Sucediam-se as máscaras com uma fidelidade toda scientifica, de abalar os conhecimentos mais profundos dos professores. E' preciso não desviar nesse momento, um segundo, o nosso olhar da figura impressionante da Velha, louca de orgulho ferido, de surpreza dolorosa. Nas outras rábulas D. Lucinda não marcou com felicidade. Falando com a netinha gentil, a comediante foi natural até á frieza, ao sonambolismo dos meneios de cabeça, o lábio flácido, a *tonteria* mais vincada do que de longe teria imaginado Liñares Rivas. O tipo desenhado pelo autor é bem nitido, que diabo! não era o de nenhuma velhice inconsciente. O orgulho caiu na facecia. A avó nobre e representativa dos Azaraes, desceu á avósinha adoravel das comedias de baixo estôfo. Foi tristemente demais. As rubricas negam aquela personagem. Por outro lado, a sua interpretação do ultimo acto foi, francamente, menos leal. Não é assim. Passe o arrôjo do comentador! Quando recebe a noticia da sua ruina, a mestra ilustre da nossa scena dá ao publico a impressão clinica, scientifica, de que vae morrer. Tremula a voz, pára a expressão, entra na análise da ante-apoplexia, corta de calafrios a vida do ambiente, passado de terror. Mas, qual história! A velha duqueza levanta-se por si, reage numa incoerencia com os primeiros abatimentos, e sae quási a blasfemar, incerta, errada. Há desiquilibrio ali. Agora orgulhosa, depois burgueza, tonta, sonambula, a seguir trágica, sem justificação humana, sequer rubricada para as alternativas, Angela de Azaral, grande de nobreza, não está á altura de D. Lucinda Simões, grande da scena portugueza. E beijamos-lhe as mãos, pedindo aos seus anos misericordiosos e bons, que perdôem os nossos, irrequietos e muito maus.

As duas estreias, e o mais da companhia

Das duas senhoras que se estrearam, pelo que vimos ou quizemos adivinhar, D. Maria Côrte Real é mais comediante, e D. Alda Rodrigues mais actriz. Aquela está á vontade, veste-se de estilo no gesto, faz a aristocracia da scena e tem um rôsto adorável para as minucias da perversidade. A segunda entra mais na humanização dos papeis, afaz-se á dôr, ao amôr ingenuo, suplica, enternece-se, reage, é mulher mais pela ternura do que pelo artificio. Quanto á adaptação dos seus personagens, D. Alda Rodrigues, com mais responsabilidade, esteve bem nas scenas duras, difíceis, que exigem alma, e caiu na linha de amadora no restante, pizando mal, falando em todas as vozes da sua garganta gentil, comprometendo-se no valor das entoações, saindo fóra da verdade constantemente. Pelo contrário, D. Maria Côrte Real, num papel frivolo onde esteve quási á vontade, teve menos oportunidade para mostrar qualidades, mas tambem foi menos sujeita a desfalecimentos. Vão ser duas grandes actrizes? Crêmos que não. Sentimos que lhes falta «planta». Mas podem ser duas lindas aplicações no teatro declamativo, dois formosos interpretes para as missões de menor esfôrço dinamico, ainda que capazes de nos surpreenderem ámanhã, adrando para o campo das pretensões de profeta ridiculo o nosso comentário. O que é uma estreia auspiciosa? Ora o que é. E' quási sempre um trabalho no qual os criticos ou comentadores não encontram mais nada para dizer. Não. As duas gentilissimas senhoras mereceram do publico e merecem de quem escreve, mais alguma coisa do que o titulo de estreante auspiciosa. Actrizes já, na manhã das suas glórias e das suas desilusões certas, ainda que—Deus o permita!—muito distantes.

O sr. Erico Braga é um actor. Que havemos de dizer mais? Que não chega a ser um actor. E' necessário ser um artista. D'isso não nos deu a impressão. Ismael é uma figura romantica, levemente cortada de um positivismo que lhe vem do convivio dos *affaires*. Erico Braga deu á sua personagem tintas de cinismo e malicia muito despropositada. O seu tipo humano apareceu aqui e ali, incoerente e antipático. A arte, no seu sentido de instinto, supre muitas vezes a inteligencia, que ao distinto actor não falta, mas de que se desaplica muito a miude. Bela figura, máscara galã de cinema, dizendo sempre no respeito da linguagem e da musica compassada das suas frases, este actor tem de se fazer mais artista. Decalcar o seu tipo clássico no teatro. Um galã não precisa, para o ser, de mascarar sorrisos, dando á plateia impressões equivocas e desencontradas de carácter. No segundo acto teve scenas, dentro do nosso comentário, que dificilmente serão egualadas por actores portuguezes. E assim seja sempre.

A rábula do sr. Seixas Pereira, mal e bem. Bem na caricatura, mal na sua firmeza. Um surdo que só não ouve quando lhe convém, que foi o que fez, não está certo. E' de fácil correcção o senão. Na peça a sua interpretação passou, porém, magnificamente. Do sr. João Lopes diz o sr. Matos de Sequeira que sabia o papel. Pois disse-o muito mal, e talvez se o não soubesse o disesse de modo a que a gente o entendesse. Manteve, comtudo, uma linha descuidosa e espirituosa, que o papel de D. Diogo de Fuente Honor exigia. Discreteava bem, num á vontade muito estudado, mas certo. Os restantes interpretes não desmancharam, como se costuma dizer, ainda que o sr. Lino Ribeiro estivesse quási sempre comprometido e o sr. João Calazans a entrar na baixa comedia espanhola, que é intoleravel na boa scena portugueza. Lograram ambos *farçar* scenas que deviam ser sobrias, como convinha, para dar a fisionomia tipica dos dois fidalgos metidos na agiotagem. As ultimas filas da plateia riam, mas os autores não se conformam sempre com este riso. Quanto ao sr. Augusto Conde não tinha papel para dele se dizer mais do que isto: satisfatóriamente, como o restante pessoal de libré.

E eis o que, em comentário, vem á nossa pena, da peça de ontem e seu corpo scenico. Da tradução não pensamos que se possa dizer mal nem bem. O sr. Acácio Antunes é um experimentado homem do traslado, e se ontem ouvimos aqui e ali repetições, dissonancias, quási irregularidades, tanto póde ser do copista como do ponto. A *Raça* mantém o carácter espanhol, num scenário como é melhor costume nos nossos teatros, notando-se apenas, como sempre e teimosamente, a mistura da lona pintada com o movel exacto, tão perto, tão perto, que parece que é de propósito, para no contraste comprometer o scenógrafo ou favorecer o mobilador. E podiamos dizer... Mas o comentário vae fechar, e fecha dizendo que o publico saiu satisfeito e ó exito no publico ficou assegurado. Ainda bem!

N. DE A.

O GATO POR LEBRE
HOJE, SABADO, 8, HOJE
2.ª REPRESENTAÇÃO
TEATRO APOLO
AGRADO ENTUSIASTICO E SEM RESERVAS!
Numeros bisados — Aclamações vibrantes
Peça do mais fino gosto
Uma verdadeira apoteose do publico ao ilutre comediografo
EDUARDO SCHWALBACH
e a todos os seus cooperadores, especialisando no «compére» o distinto actor
Henrique Alves

FLORES DA NOITE
Grande sucesso
da Companhia
SATANELLA-AMARANTE
NO
TEATRO AVENIDA
HOJE
ÁS 9 E 1/4 DA NOITE

Preços de assinatura do "Diario de Lisboa"

3 meses.....	9$00
6 »	18$00
12 »	36$00

Para as colonias e estrangeiro acresce o porte do correio

Pedidos á administração: Rua Luz Soriano, 48

UM GRANDE POLEMISTA ALEMÃO

Maximiliano Harden já não parte para a America

Ha quem lhe chame doido — Ha quem lhe chame o primeiro jornalista alemão...

Maximiliano Harden, a que uns chamam o primeiro jornalista alemão e outros alcunham de doido, voltou agora a ser discutido na letra redonda dos jornais. Fala-se muito dele neste momento. Ou melhor, volta-se a falar de Maximiliano Harden, porque, desde que ele entrou no dominio da opinião publica, nunca mais de lá saiu.

Noticiaram as gazetas que Maximiliano Harden ia deixar a Europa para fazer algumas conferencias na America. E voltaram a noticiar que o grande polemista alemão já não partia. E' preciso conhecer a psicologia complicada de Maximiliano Harden para explicar a sua mudança subita de resolução. O fundador da «Zukunft» (o Futuro), natureza de polemista cuja impetuosidade trovejou e assombrou a Alemanha inteira durante vinte e cinco anos, foi sempre um solitario nos postos avançados da polemica, mas um solitario que talhou o seu isolamento na carreira dificil das ideias mais audaciosas e mais extraordinarias e que nunca se mascarou para evitar o escandalo das suas polemicas.

De facto, esse berlinense, nascido em 1861, que tinha dez anos á data da proclamação da unidade alemã, esse panfletario estranho que chamou imediatamente a atenção de todos aqueles que sabem ainda ler os estudos literarios de uma subtileza rara e de uma bela chama de eloquencia, esse homem ascético que foi algumas vezes o confidente de Bismarck, essa organização belicosa que é Maximiliano Harden fez ouvir por mais de uma vez as suas coleras através uma patria que era obrigada a ouvi-las, ainda que as não quizesse escutar. Espirito ardente, que muitas vezes se confundiu com uma natureza declamatoria, cérebro encandecido, que queimava como uma fornalha em braza, tendo ao seu serviço uma erudição que dependia toda de um talento de observação invulgar, demolidor e arquitecto, polemista e organizador, Maximiliano Harden redigiu quasi sósinho a «Zukunft», revista semanal que era lida por todos os intelectuais.

Maximiliano Harden

(Desenho de Barrére)

Harden não hesitou em acusar o trôno imperial e aqueles que ele tinha feito tremer vingaram-se impiedosamente fazendo-o condenar a cinco anos de prisão, numa fortaleza da Prussia, por crime de lesa-magestade. Maximiliano Harden reuniu, então, em volume, algumas das suas cronicas literarias, onde se podem ler capitulos verdadeiramente notaveis, como, por exemplo, os do «Velho Guilherme», do «Principe de Bismarck, de «Ibsen», de «Zola», de «Réjane» e de «Briand».

Maximiliano Harden, o apostolo fogoso de um regimen fortemente hierarquizado, foi mais tarde o apologista de uma acção das massas populares, deixando-se invadir pela utopia de um colectivismo que só existe nas páginas dos ideálistas. O demagogo devorou o artista, o lobo devorou o tigre. Esse espirito de polemista, que tinha lançado nos seus artigos ideias fecundas, essa mentalidade, que se tinha formado de principios que, por sua vez, amassava na misteriosa alquimia do Pensamento, essa luz perturbadora, que nunca vacilou, transformou-se depois numa tocha fumarenta de ideologia, sem outro fogo que não seja o de uma pedra de hulha da peor qualidade.

A sua revista já não se publica. Maximiliano Harden não parte para a America. A' ultima hora mudou de resolução. Voltará a escrever os seus artigos? A pena de Maximiliano Harden voltará a trovejar na defesa dos principios de independencia feroz que nortearam sempre a sua vida?

Toda a correspondencia relativa a anuncios, assinantes e agentes deve ser dirigida á rua Luz Soriano, n.º 48, séde propria deste jornal, onde se encontram já instalados todos os serviços de administração.

Gama

GRANDE VARIEDADE DE BILHETES, FRACÇÕES E CAUTELAS
para todas as
LOTERIAS
Fornece para revender
PREÇOS CORRENTES
Pelo correio mais $15 para registo
Telefone: 1:020 — CENTRAL
Pedidos a
F. SILVA GAMA
R. do Amparo, 51 — LISBOA

Grande Café de Italia
DÉJEUNERS
A PRIX FIXE ET A' LA CARTE
Esmerado serviço de chá,
:-: chocolate e torradas :-:
Rua 1.º de Dezembro

COLEGIO CALIPOLENSE
Rua Eduardo Coelho, 108 — Lisboa (á Praça do Rio de Janeiro) Telefone C. 4:199
Este antigo colegio recebe alunos internos, semi-internos e externos, a partir dos 6 anos de idade, aos quais dá uma completa e esmerada educação infantil. Ministra ***Instrução Primaria, Ourso Oomercial*** completo, ***Ourso dos Liceus,*** conforme os programas oficiais, e ***Ourso de Explicações*** para os alunos matriculados no liceu. Todas as aulas reabrem no dia 10 de outubro.
O director e proprietario
FERNANDES AGUDO.

Companhia de navegação
LLOYD BRAZILEIRO
Linha regular mensal de navegação entre Brasil e o norte da Europa
Para carga e passageiros trata-se com os agentes
PINTO & SOTTO MAIOR
Rua do Ouro, 24
Telefone n.º 1227 C. LISBOA

RUA DO AMPARO
A SAPATARIA MAIS ECONOMICA DE LISBOA
TELEF. C. 3541

PARQUE DO ESTORIL
Tencionando abrir um dos seus hoteis no começo da proxima época, a Sociedade «Estoril» arrenda desde já, para estabelecimentos comerciais, as lojas-galerias á entrada do Parque do Estoril.
As condições do arrendamento acham-se patentes nos escritorios da Sociedade, no Cais do Sodré, n.º 25 — LISBOA.

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

Crianças que teem fome

A Europa, durante a guerra, sempre que se virava para o Oriente, via tudo vermelho, muito vermelho. O incendio de Moscou, em 1818, fôra o preludio da grande fogueira em que a Russia, um seculo volvido, se havia de transformar. Agora, as chamas, cada vez mais altas, depois de terem lambido o Kremlin, abatem em ruinas uma sociedade velha, de contornos sobriamente ferozes, que durante muito tempo foi motivo de pasmo para os ocidentais. Custa-nos a compreender esta estranha caldeação do gelo que cobre as steppes *interminaveis, com a fogueira de misticismo, que idealistas de boas intenções e corações generosos acenderam em terras tão longiquas. Os* boiardos *estão em fuga, tal como na idade da espada que o velho mundo viveu em tempos do morto de Santa Helena. Depois de Napoleão, Lenine. Depois da invasão dos canhões, a invasão da ideologia. A primeira teve a cortar-lhe a volta ao redil a fita de agua do Berezina. A seguida, engrandecida em terror pela fogueira enorme que lhe criou um fundo scenograficamente teatral, de ruinas de cousas grandes e de rolos de fumo em que se transformou um imperio não de ouropeis mas de ouro de lei, começa agora, tambem, a ter o seu Berezina:—um Berezina de fome, um Berezina de horror, que desdenharia os* hussards *de Bonaparte e dá preferencia aos velhos* mujichs *de barbas muito compridas, muito brancas, e ás crianças de carne fragil, que recebem a mingua, a miseria, de uma revolta que lhes quiz dar pão em abundancia.*

* * *

Os anos correram e a Europa só queria ver, ao principio, na Russia, uma fogueira colossal que por si propria se extinguiria. Depois, percebeu que atraz da primeira cortina de chamas, havia gente que pedia socorro. Sentiu-se sacudida no seu egoismo secular e ofertou solidariedade. Neste momento ainda ha quem a negocie, ao mesmo tempo que se elaboram estatisticas quotidianas dos milhares de creaturas tombadas pela fome e pela peste... Houve gente mais apressada, gente que pensou nas criancinhas. Amanhã, deve esta cidade, que desconhece os rigores hibernais, as massas pesadas de gelo a asfixiar a vida, que de ha muito transformou a fome em acessorio de uma literatura pobre de motivos, ser visitada por duas centenas de creanças judaicas que a benemerencia dos homens da sua religião, trouxe para terras de menor maldição. Elas devem visitar Lisboa, esta grande aldeia sem originalidade, de caracteristicas pobres, levadas por gente de coração bondoso que ainda pensa constituir o povo do Senhor e obedecer aos ensinamentos de Moysés, morto ha 6654 anos. Quem sabe se no seu andar curto calcurriarão os bairros excentricos, esses extranhos aduares *de berberes em contacto com a civilização, em que os garotos esfaimados, de trajo em farrapos, sem ninguem que lhes dê a benção de um pão alvo e o consolo de um fato em bom estado, constituem multidão — uma multidão de seres minusculos que ámanhã, um ámanhã proximo, constituirão o povo e que devem guardar, exageradas, as más condições morais e fisicas com que uma sociedade em dissolução, que voluntariamente hipertrofiou o estomago ao ponto de ele ocupar o lugar do coração, lhe ofertou.*

Não têm ainda raciocinio, os pequenos judaicos. Mas a retina guardar-lhes há, para a idade da inteligencia, o espectaculo miseravel de uma sociedade cristã que desceu ás maiores baixezas morais, se a compararmos com esses homens que disseminados no mundo pela maldição do Calvario, continuam a dar albergue na alma ao sentimento biblico que não permite a agonia ao velho nem a fome á criança...

L. CONSIGLIERI SÁ PEREIRA

A criação do distrito de Setubal

As camaras municipais de Almada, Seixal, Barreiro e Alcochete oficiaram ao deputado sr. O'Neill Pedrosa, sobre a criação do distrito de Setubal.

Tabela de publicidade

1.ª pagina (cada linha)	5$00
2.ª e 3.ª paginas (cada linha)	1$50
4.ª e 5.ª » » »	2$50
6.ª e 7.ª » » » (em coluna estreita)	$15
8.ª pagina (cada linha)	2$00

Abatimentos para mais de cinco publicações

Comunicados, contracto especial

Administração: Rua Luz Soriano, 48

O ASSUNTO DO DIA

COMO SERÁ REORGANIZADA A POLICIA DE SEGURANÇA DO ESTADO

O SR. DR. COSTA FERREIRA DIZ AO "DIARIO DE LISBOA" COMO SE DESEMPENHARÁ DA SUA MISSÃO

A P. S. E. não pode ser constituida por agentes que todo o mundo conhece, e deve apenas desempenhar um papel de alta informação politica do Poder

Os jornais da manhã noticiaram que o sr. presidente do ministerio, aceitando um pedido de demissão do sr. Pinto Sena, director da P. S. E., resolvera confiar a sua reorganização ao sr. dr. Costa Ferreira, capitão medico da G. N. R., ao mesmo tempo dispensava todos os agentes que naquele corpo policial têm prestado serviço. A noticia, pouco esperada, despertou interesse. O sr. dr. Costa Ferreira, bem conhecido em Lisboa, bem conhecido das gazetas, é uma criatura que, *querendo*, de uma forma completa, se pode desempenhar da missão que o sr. dr. Antonio Granjo lhe acaba de confiar. Espirito lucido, aberto, recebendo bem

Costa Ferreira

todas as inovações que tenham alguma coisa a recomendá-las, êle é o homem que se encontra em condições de substituir essa policia politica que para aí tem existido — torta de nascença e com uma má caracteristica de *purria* marcada a fogo — por um corpo de *élite*, modelar na sua forma de proceder e que, sem desdouro, se possa colocar ao lado das corporações de caracter identico existentes em todos os paizes organizados.

Na sua casa do quartel do Carmo procurámos hoje, ao principio da tarde, o reorganizador da P. S. E. Amigo velho, ele soube-nos falar com aquela cautela que as suas novas responsabilidades exigem.

— Esta nomeação — explicou, francamente — constitue paa mim uma surpresa. Entregue á minha clinica, alheado da politica partidaria, fazendo apenas politica de salvação e defesa da Republica, estava longe de supôr que me chamassem para reorganizar a P. S. E. O facto, representando uma prova de confiança dos homens que actualmente governam o paiz, envolve tambem uma responsabilidade não menor, que só o meu muito amor ás instituições me habilitará a suportar.

— E como tenciona o doutor fazer a reorganização?

Um sorriso. A interrogação fôra demasiadamente directa. Depois: — Você compreende. Não querendo diminuir os serviços que a corporação tem prestado ao regimen, a verdade é que ela se encontra organizada em moldes que não correspondem ao objectivo que visa. Não se compreende que a P. S. E. seja composta por agentes que todo o mundo conhece e que qualquer aponta nos cafés e outros logares publicos. O mesmo sucede com o pessoal dirigente. Isto não é logico.

— Então?...

— Devemos reorganizá-la segundo o que de melhor existe lá por fora. Ainda neste caso nos devemos utilizar — não para copiar, mas para adaptar — do figurino estrangeiro. A P. S. E., essencialmente politica, deve ter gente sua em todas as camadas sóciais — mas gente que não seja conhecida, isto para que bem se possa desempenhar da sua missão. Ela tem de constituir, acima de tudo, um serviço de alta informação do Estado. Este, por sua vez, apoiado nos elementos que lhe sejam fornecidos ácerca da vida publica e subterranea do paiz — procederá.

— Quere dizer, a P. S. E. deixa de ter funções policiais, na acepção vulgar do termo... — insinuámos.

— Claro. Ela não tem que prender ninguem. Esse trabalho deve pertencer á policia de investigação criminal, que reclamará da P. S. E. base juridica para poder proceder. Já se sabe, que a policia de investigação, para que se desempenhe dessa nova atribuição, precisa de uma modernização inteligente. De resto, sei que o sr. dr. Antonio Granjo apresentará ao Parlamento, mal este reaberto, um trabalho que implica a remodelação de todos os serviços policiais.

— Eu aceitei o encargo de remodelar a policia depois de muito instado por amigos e entidades a quem não tinha o direito de apresentar uma recusa. Assim, fui ontem procurado, em nome do sr. presidente do ministerio, pelo sr. capitão Quaresma, ex-ajudante de ordens do sr. general Correia Barreto e actual comissario de divisão da policia, pessoa da minha muita consideração e amizade, e pelos srs. major Esmeraldo e tenente Roby, respectivamente comissario geral da policia e adjunto. Eles usaram da amizade que nos liga, para me levarem á aquiescencia.

Uma pausa. Em seguida: — De resto, aceitei apenas o encargo de reorganizar a P. S. E. Uma vez esse trabalho realizado — e ele, creia, é bastante espinhoso — retirar-me-hei. Devem, então, nomear, secretamente, um director, pessoa idonea e de republicanismo cuja pureza a ninguem ofereça duvidas. Quanto a mim, regressarei á minha vida normal, agora perturbada por um encargo que não tenho o direito de lançar pela janela fora...

— Os agentes foram dispensados. Que tenciona fazer?

— Eu sou medico da P. S. E. Conheço todos, ou quasi todos, os seus agentes e estimo-os o bastante para não mover perseguições, que dão sempre resultados contra-producentes. Diz-se por aí que, neste paiz, está tudo fora dos seus logares. Pois na P. S. E. sucede, pouco mais ou menos, a mesma coisa; é necessario proceder á categorização das aptidões, dando-lhes a aplicação devida. Aquele corpo de policia, como ontem me disse o sr. director, sr. Pinto Serra, é um enfermo que eu, na minha qualidade de medico, procurarei curar.

Outra pausa. Depois, a conclusão: — Não vou para a P. S. E. fazer prisões. Vou para lá, a fim de servir um regimen pelo qual farei todos e quaisquer sacrificios. Nesta categoria incluo apenas a tarefa de a reorganizar, porque, acima de tudo, sou um medico que apenas deseja viver entregue aos seus doentes, nas horas de trabalho, e aos seus amigos, nas horas do ocio. De resto, sou oficial da G. N. R., tendo a maior consideração por todos os meus camaradas deste disciplinado organismo militar e o maior respeito pelo meu excelentissimo general.

NO TEATRO APOLO

"Gato por Lebre" de Eduardo Schwalbach

REVISTA EM 2 ACTOS E 12 QUADROS COM MUSICA DE DEL-NEGRO E ALVES COELHO

FARÇA, LIRISMO, SENTIMENTO, «CHARGE», SATIRA, ALEGRIA, LUZ E ENCANTO

Lá estivemos ontem, na inauguração da época de inverno, no Apolo.

A velha casa de espectáculos a trasbordar—algumas caras bonitas, duma juventude petulante e fragante, conhecidos admiradores do autor da revista, amadores do género, frequentadores encanecidos duma plateia que representa quási uma tradição na história do nosso teatro, provincianos que aproveitaram a oportunidade para vêr maravilhas e algumas pernas esculpidas a primôr, e uma senhora, quási septuagenária, que, a nosso lado, olhava, trinta anos atraz, para os progressos da arte de despir.

Schwalbach, como sempre, fantasista, ironista, ligeiro, umas vezes observando bem, outras deformando, exagerando casos e coisas, ora vincando num tipo um vicio do tempo, ora amplificando numa turba as taras de alguns.

Gato por lebre tem de tudo—*pochade*, farça, lirismo, sentimento, *charge*, satira, alegria, luz, encanto e olhares diabólicos.

Henrique Alves, que o publico acolheu com festivo carinho—uma saralvada de palmas que o entusiasmo levou ao rubro—foi o magnifico actor de sempre, dando uma vida e um pitoresco extraordinarios aos dois personagens complementares, «João d'Algo» e «João Ninguem», em que Schwalbach revelou uma fantasia e um desenho que têm qualquer coisa de gilvicentino.

As mulheres famosas, apetitosas e esplendidas de brilho pagão, merecendo muitas aclamações e braçados de flores. Carmen Martins, Lina Demoel, Izaura Campos, Maria Alves, Dora Vieira, Rahira de Sousa, Eliza Matos, Ermelinda Fontes e outras que conseguiram, sem qualquer excesso de movimentação quadrilinea, fazer compreender ao publico, arfando de comoção, que o paraizo terreal se conquista com um bilhete do Apolo.

Bons homens, grossos e pouco desbastados para as brejeirices e diabruras do nosso tempo, olhavam pasmados de puro gôzo para creaturas, em cujo côrpo vibravam écos duma mocidade amante e enlaçante, que é imortal como o sangue cálido de uma deusa.

Roldão, mestre da arte popular, em figuras episódicas que passam rápidas como um capricho de menina namoradeira, revelou mais uma vez os recursos do seu engenho e da sua maneira especial de compôr. Alvaro Pereira impôz-se, num sucesso total, que uma ovação plenamente coroou. Armando Machado muito bem. Alberto Reis e Alberto Silva, faiscantes.

As vozes detestaveis.

A musica, no que apresentou de novidade, fresca e mimosa, como era de esperar de Del Negro e Alves Coelho.

O guarda-roupa, com notas de bom e mau gôsto.

Os scenários correctos, apezar de a revista se prestar a pinceladas atrevidas, cheias de imprevisto e colorido.

FAISCA

A CIDADE

AMOS TER OPERA?

A proxima temporada lirica em São Carlos

UM JURI DE ADMISSÃO PARA AS OBRAS PORTUGUESAS EM QUE ENTRA UM ESTRANGEIRO

O «DIARIO DE LISBOA» ENTREVISTA O MAESTRO-COMPOSITOR RUY COELHO

Uma grande noticia: anuncia-se para breve a temporada lirica em S. Carlos.

Rui Coelho, maestro e compositor, tem uma opera: «Rosas de todo o ano», extraida do original do mesmo nome de Julio Dantas. Era interessante ouvir esse moço, tão português pela sua arte e pelo seu coração. E' um espirito rebelde, uma inteligencia franca; tem uns grandes oculos, uns olhos vivos e uma palavra expressiva.

—A minha ópera faz parte de um triptico...

—Sim, sabemos. A sua ópera será cantada nesta temporada?

—Há um juri de admissão para as óperas portuguesas. E' qualquer coisa do ministerio da Instrução... Não concordo com juris de arte...

—Porquê? E' preciso haver uma certa selecção... Ora imagine uma ópera feita pelo João Ninguem, um João Ninguem qualquer...

Rui Coelho fita-nos muito de perto e diz:

—Se Antonio Nobre tivesse submetido os seus versos a um juri, não poderiamos ler o «Só»: era reprovado. E o mesmo para Wagner, para Eugenio de Castro e para tantos outros. Compreende? Mas eu aceito o juri, não porque concorde, bem explicito, mas as individualidades que fazem parte dele é que se devem sentir pouco á vontade...

—A razão? São portugueses?

—São. Mas no juri entra um estrangeiro: o director da companhia. Como pode um estrangeiro sentir uma musica portuguesa? E' vexante! Então, não temos os nossos artistas? E' uma falta de espirito nacionalista, oficialisada.

E Rui Coelho, vivamente, historia, rapido, a evolução da musica.

—Porque, dantes, em todo o mundo só se cantavam óperas italianas. Wagner aparece e cria uma musica sua: a alemã. E' um alemão. Massenet surge e todas as suas óperas são cantadas em francês. E' a reacção, é o espirito nacionalista orientando a arte. Em Portugal, não! O publico ouve uma ópera numa lingua estrangeira. Não a compreende. Os detalhes passam-lhe despercebidos; só interpreta o sentido geral... Agora mesmo, no Brasil, o governo acaba de dar uma verba avultada para que nas festas da Independencia se cantem óperas brasileiras... E os direitos de autor!...

—São muito avultados?

—Não brinque. Não há direitos de autor. Eu fui o primeiro português que conseguiu, depois de muito batalhar, receber alguma coisa, como compositor. Submetem-nos a um juri, que não se responsabiliza, depois da ópera aprovada, que ela seja cantada em scena, mas não existe uma lei, uma unica, que regularize os direitos de autor...

—Só deveres.

—Só. No entanto, as temporadas liricas dão margem a grandes lucros ás casas editoras italianas.

E, concluindo, o sr. Rui Coelho diz:

—Não protegendo o Estado, como deve, os direitos de autor, é muito provavel que muitos compositores ainda venham a musicar revistas...

IMPRENSA

Sái no proximo dia 5 de novembro um novo semanario republicano, tendo como redactor politico o sr. José Lopes Bispo.

FÓRA DA POLITICA

O SR. DR. JOSÉ DE CASTRO E O MINISTERIO DE SALVAÇÃO PUBLICA

COMO SE PODERÁ FÓRA DO GOVERNO ENCONTRAR UM PONTO DE UNIÃO ENTRE TODOS OS PARTIDOS

"Dentro dos partidos da Republica era facil realizar a ideia do sr. dr. Magalhães Lima"—diz ao "Diario de Lisboa" o antigo presidente do governo

O sr. dr. José de Castro diz as suas opiniões com uma leveza, tão diplomatica, tão cautelosa, tão subtil, que torna dificil uma entrevista.

Por mais que o reporter queira profundar o seu pensamento interrogando a *tort et a travérs*, fingindo, propositadamente, compreender mal, detalhar um pormenor, s. ex.ª mantem-se, em opiniões, num colorido neutro.

E' num gabinete de advogado, deserto. E' na rua do Ouro, sabem? Há uma porta que ao abrir retine uma campainha electrica; depois, uma voz vaga: «entre». E nós entrámos.

O sr. dr. José de Castro, duma gordura magestosa, barbas patriarcais, lunetas de arcos de tartaruga, escreve.

—Um momento emquanto acabo esta carta... Já sei, vem do *Diario de Lisboa*...

Os nossos olhos prendem-se num cofre, socalco magnifico duma Republica, em gesso; depois numa fotografia e em duas aguarelasinhas amaneiradas.

—Uma entrevista!... Falar agora do paiz, é uma coisa muito dificil. A nação é como um doente; qualquer palavra pode-lhe ser prejudicial.

—Ha sempre um remedio... O doente tem que seguir as prescripções do medico... Este caso agora do movimento de salvação publica...

—O país, mercê de algumas faltas de economia, da guerra, da mudança continua de ministerios...

—E de algumas revoluções—atalhámos.

—... E de algumas revoluções, atravessa um periodo dificil. As pessoas que pensam em organizar o movimento de salvação publica de que me falou, revelam com essa iniciativa um grande zelo e um grande patriotismo. Mas...

—Mas?

—Parece-me que se poderia encontrar dentro de todas as correntes de opinião publica bases solidas para essa ideia.

—Um ministerio de concentração? Mas isso já falhou estrepitosamente. Todas as correntes de opinião publica? Chamar-se-hiam os monarquicos?

—Não é bem isso, não é bem isso o que eu quero dizer. Não sei se me compreende... Todos os partidos assentariam num grande programa nacional. Reformas, economias... economias necessarias... Nos correios, por exemplo, é impossivel cortar... Cada partido—ia dizendo — sem abstraír dos seus pontos de vista, colaboraria nessa obra...

—Eles são tantos! Certamente que ha mais partidos do que ministerios... E os monarquicos? A corrente sindical?

—E porque não? Se eles quizessem colaborar dentro da Republica...

E o sr. dr. José de Castro, que logo de principio nos pedira que o não puzessemos a rir na entrevista, emaranhou um pouco as palavras na sua barba.

—Entendo eu que esse *comité* deveria ser consultivo... Sim, porque a solução pode encontrar-se dentro dos partidos.. O *comité* seria consultado tanto pelos ministros como pelas diferentes facções politicas... Ficaria fóra do governo...

«Esse *comité* não quere jugular nenhuma corrente de opinião publica, pelo contrario, quere harmonizá-las.

—E o actual governo?...

—Não... não... Os governos não têm tempo de realizar os seus intentos... Certas pastas precisam ser neutras... O ministro das finanças deve ter uma acção contínua. Como na Suissa, sabe?

—V. ex.ª apoia a ideia do sr. Magalhães Lima? O *comité*...

—Não sei ainda quais são as pessoas que fazem parte dele; mas tenho indicações precisas...

Dois delegados do Gremio Madrugada assomaram á porta do gabinete.

Precisavam falar ao sr. dr. José de Castro—disseram.

—O movimento é apoiado pela Maçonaria?

—Não sei.

—Nem particularmente? Nem oficialmente?

—Não sei!

—V. ex.ª entraria num ministerio que se apoiasse nesse grupo de republicanos, presidido pelo sr. Magalhães Lima?

—Não sei! Depende das circunstancias...

—Que são muitas?

—São.

O sr. dr. José de Castro tem agora um ar vago, mesmo muito vago. Está na ofensiva. Tornámos:

—O movimento de salvação publica...

—Sim...—A entrevista tem muitas reticencias. O sr. dr. José de Castro é assim.—Traçar-se-hia um programa; depois, os governos que se sucedessem modificariam aqui e ali os seus pontos de vista, tendo sempre presente o tal programa. Obra nacional, obra nacional.

E o sr. dr. José de Castro, reconhecendo o jornalista, cumprimenta-o muito vivamente.

Os delegados do Gremio Madrugada entraram...

Junta de defesa social

Continua o alistamento dos voluntarios —Onde funciona a secretaria do comando

A Junta de Defeza Social nomeou agentes nos principaes concelhos do paiz, para organizarem nucleos locaes. E' bastante avultado o numero de alistados no Corpo de Voluntários da Pátria, destinado a prestar serviços de defeza e socorro á população, em caso de calamidade ou perturbação social. A secretaria provisória do comando funciona na rua das Taipas, 40, 1.º, das 9 ás 14 horas.

DR. ARMANDO NARCISO
Clinica medica
Travessa Nova de S. Domingos, 9 (á Rua do Amparo)

Transportes Maritimos

As viuvas pensionistas agradecem ao presidente do governo a proposta apresentada no parlamento

As viuvas pensionistas dos Transportes Maritimos do Estado em serviço da Inglaterra foram hoje agradecer ao sr. presidente do ministerio a proposta de lei apresentada ao Parlamento, que lhes concedeu pensões.

AUGUSTO CID

Regressou da sua casa de Oliveira do Hospital a Lisboa, reabrindo o seu escritorio de advogado, o sr. dr. Augusto Cid, consultor juridico da Caixa Geral dos Depositos.

OS TEATROS

Atraz do repostelro

Consta que o sr. Santos Tavares, comissario do governo junto do teatro Nacional, vai pedir a demissão daquele cargo por não ter sido ouvido ácêrca do decreto que mandou readmitir naquela casa de espectaculos o distinto actor Joaquim Costa.

—Chamamos a atenção dos leitores desta secção para as criticas que noutros logares publicamos sobre as duas «premières» de ontem.

—A companhia do Eden Teatro que, como dissemos, vai funcionar no Coliseu dos Recreios, reaparecerá nesta casa de espectaculos no proximo dia 12.

A revista «Tic-Tac» será aumentada com os numeros novos «O Reboliço» e o «Talassa», um novo bailado das bailarinas belgas, a apresentação do pequeno «Charlot» e duas apoteoses completamente novas.

—Silvestre Alegrim, que regressou ha pouco da provincia, parece que vai novamente ingressar na companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho.

—A festa do autores de «Tic-Tac» realiza-se no dia 11 com a ultima representação da sua revista no Eden.

—O actor João Silva começa a ensaiar na companhia Satanela-Amarante na proxima segunda feira, entrando na peça que sobe á scena a seguir á opereta «Flores da noite».

—Consta que os duetistas «Os Geraldos» vão reaparecer em Lisboa, dentro de breves dias, num dos teatros de revista.

—As apoteoses da revista «A vida», que Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa estão escrevendo para a companhia Ruas, que actualmente explora o teatro Nacional, do Porto, são pintadas por Amancio, Serra & Renda e Luis Salvador.

—Estão entaboladas negociações para a venda dos direitos, para Barceloaa e Italia, da peça «Miss Diabo».

—A apoteose final da revista «Pau de dois bicos», com que se inaugura a epoca de inverno no Eden, é assinada pelos scenografos Serra, Renda e Amancio e representa a partida de Vasco da Gama para a India.

E' um quadro de grande efeito e que por certo vai causar grande sensação.

—Pensa-se na organização de uma boa companhia, composta de vinte figuras, para percorrer, em «tournée», este inverno, a provincia. Será seu director um distinto artista dramatico.

Reclames

S. CARLOS — A companhia Rey Colaço-Robles Monteiro está procedendo aos necessarios preparativos para fazer a sua apresentação no proximo dia 15. A peça de abertura será «Jerusalem», de George Rivolet, adaptada á scena portuguesa por Alfredo Cortez.

AVENIDA — Ha muito tempo que uma opereta não faz tanto sucesso como o obtido pela linda peça «Flores da Noite».

APOLO — Não é favor reconhecer que agradou sem reservas o novo trabalho de Schwalbach o «Gato por Lebre», cuja primeira representação se fez ontem no teatro Apolo.

Espectáculos

S. CARLOS—Fechado.
NACIONAL—Fechado.
S. LUIZ—A's 21—«A leiteira de Entre-Arroios».
GIMNASIO—A's 21,30—«A Labareda».
AVENIDA—A's 21,15—"Flôres da Noite".
APOLO—A's 21,15—"Gato por lebre".
POLITEAMA—A's 21,30—"A raça".
EDEN—A's 20,30 e 22,30—«Tic-tac».
CHIADO TERRASSE—Fechado.
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21,15—«Box».

SALÃO FOZ—Animatografo e variedades.
OLIMPIA—Animatografo e concerto.
CINEMA CONDES—Animatografo e concerto.
SALÃO IDEAL—Animatografo.

Cristovam Colombo

O sr. Patrocinio Ribeiro vai realizar uma conferencia sobre o grande descobridor

A meza da Academia de Sciencias de Portugal incumbiu o correspondente, sr. Patrocinio Ribeiro, de realizar uma conferencia sobre Colombo, no próximo dia 12, acedendo assim ao apêlo da União Pan-Atlantica.

Preços de assinatura do "Diario de Lisboa"

3 meses.....	9$00
6 »	18$00
12 »	36$00

Para as colonias e estrangeiro acresce o porte do correio

Pedidos á administração: Rua Luz Soriano, 48

O FUTURO DO NOSSO PATRIMONIO COLONIAL

O ALTO COMISSARIO DE ANGOLA CONSEGUIU EQUILIBRAR AS RECEITAS COM AS DESPESAS

METODOS DE COLONIZAÇÃO—COMO O SR. NORTON DE MATOS ORGANIZOU OS SERVIÇOS SANITARIOS DE LOANDA—A CONCESSÃO DAS PESQUISAS E EXPLORAÇÃO Á COMPANHIA DOS DIAMANTES DE ANGOLA—O PREÇO DOS GENEROS

O indiferentismo de Lisboa mal conhece as nossas provincias ultramarinas. A vida do lisboeta passeia, dia a dia, da *Brazileira* á Arcada e da Arcada á *Brazileira*.

Vida morta, vida de intriga, vida que arraza vidas e destroe implicitamente a vitalidade do paiz que habitamos.

Lisboa— leiam Portugal —embioca se, por sistema, na teimosia de não querer descobrir as colónias.

Meia duzia de cabeças desempoeiradas reconheceram um dia a necessidade de enviar para o nosso além-oceano figuras que por nós falassem e que pelos nossos interesses moraes e materiaes combatessem. Moçambique é dos portuguezes. E Angola é dos portuguezes. Cuidou o Estado de defender o seu património colonial, nomeando Altos Comissários, que muito longe de nós, sofrendo indemencias de clima e muitas vezes inclemencias de má vontade, dissessem a entidades de especie duvidosa, que de onde a onde lá se acoitam, que a sonolencia dos luzitanos não passa dum ressonar de aparencia... Norton de Matos tem sabido justificar esta opinião.

Há quatro anos que a provincia de Angola vivia á mercê do condenavel regime das contas de saco. O Portugal que se preocupa com o futuro—esse futuro que tanto pertence aos homens como a Deus—tinha a impressão ingenua de que Angola era um sorvedouro das magras posses do erário da metrópole.

Pois é preciso que se diga isto: Norton de Matos, quatro mezes após a sua chegada a Loanda, conseguia equilibrar receitas e despezas, conseguia demonstrar, até mesmo para aqueles que por scepticismo de carreira malsinavam a sua obra, que do património que herdámos, honestamente dirigido e probamente administrado, podia surgir—e há-de ser assim—a prosperidade da nação que foi nosso berço.

Um orçamento não é coisa que se invente do pé para a mão. Sobretudo, um orçamento elaborado a preceito, com verbas proficientemente descriminadas—um orçamento em que receitas vivas matam moribundas despezas.

E traduziu tão bem a verdade o orçamento apresentado pelo Alto Comissário em Angola, que ninguem saiu á estacada a apontar-lhe defeitos ou inveracidade.

O segredo de colonisar

Um dos decretos mandado executar pelo sr. Norton de Matos, mal pôz pé no caes de desembarque, é aquele que revoga certas disposições em materia de angariamento de trabalhadores indigenas e dispõe que volte a vigorar a legislação anterior a 18 de Abril de 1918 até á publicação de novos regulamentos.

Ao mesmo tempo, em outro diploma, determina-se que vigorem no território da Provincia de Angola as instruções reguladoras do emprêgo daqueles trabalhadores ao serviço em obras do Estado. O assunto é velho. Têm corrido rios de tinta quer na elaboração dos textos oficiaes de protecção mais ou menos eficaz de amôr ao indigena, quer em polémicas pró ou contra os patrões.

O nosso Alto Comissário formou imediatamente sobre o assunto um juizo desassombrado e justo, que os periodos seguintes condensam:

«A manutenção, na exposição que precede o decreto, dos principios fundamentaes em que a Republica Portugueza baseou a sua legislação sobre trabalho indigena nas colónias que, com a metrópole, constituem o seu território, continua a ser indispensável ao progresso moral e material, de tão notavel fórma iniciado na provincia de Angola desde o advento do regime republicano».

Esses principios, muitas vezes enunciados em diploma do governo da metrópole e dos governos coloniaes, são na sua essencia os seguintes:

a) O melhor, o mais fácil e mais proficuo angariamento de trabalhadores indigenas é o que resulta de um regime de liberdade, da aplicação pura e simples do direito comum aos contractos de prestação de trabalho.

b) A unica maneira de atrair o indigena ao trabalho é pagar-lhe bem, fornecer-lhe a sua alimentação abundante e sádia, cercá-lo de comodidade, de confortos superiores aos que disfruta no meio que habitualmente vive, é tratá-lo com respeito, simpatia, bondade e justiça;

c) Os governos coloniaes devem exercer sobre as condições em que se recruta e se executa o trabalho indigena, a mais constante, meticulosa e rigorosa fiscalização;

d) Nenhuma lei póde permitir o trabalho competido para beneficio de particulares;

e) O trabalho compelido para a execução de obras de Estado, sempre de interesse geral, é uma necessidade nas colónias tropicaes; mas esse trabalho não tem de ser revestido de condições taes que dele resulte para os indigenas, além dos beneficios indirectos das obras do fomento, uma considerável melhoria da sua vida moral e material, consequente quer do salário, quer do tratamento que recebe.

Finalmente, os governos coloniaes devem favorecer e animar, por todos os meios legaes e dignos ao seu alcance, o angariamento de trabalhadores indigenas pelos agricultores, industriaes e comerciantes, cujos esforços e empreendimentos se traduzem, em ultima análise: num aumento de produção e riqueza das colónias».

Outras providencias do Alto Comissario quando assumiu a sua função

Muito deve a provincia de Angola ao Alto Comissário e não menos lhe deve a metrópole. O ultimo decreto do sr. Norton de Matos, de que há noticia, datado de 19 de Agôsto, três dias antes de partir para o Moxico. E' o decreto em que, atendendo-se a que as colónias portuguezas devem abrir e facilitar os mais largos mercados aos produtos metropolitanos e por ser de toda a conveniencia favorecer a importação dos vinhos generosos nacionaes, tendo em atenção a grave crise atravessada pela região vinicola do Douro, tanto os vinhos generosos do Porto como os da Madeira passam a pagar $02 cada garrafa, até á capacidade de ½ litro, e $04 a garrafa de 1 litro, ficando isentos do imposto adicional de 10 % *ad valorem*, estabelecido em 1917.

O primeiro acto do Alto Comissário, apenas chegado a Loanda, foi fazer cessar o estado de coisas relativas á saude publica. Um mez antes, Loanda fôra declarada infeccionada de peste bubónica (17 de Março), e o ultimo caso positivo da doença em um individuo da raça negra verificara-se em 11 de Abril. O Alto Comissário declarou por portaria de 21, limpas da peste bubónica a cidade e o porto, mas, prevenindo o perigo de nova infecção, determinou que as brigadas sanitárias, constituidas para promover o saneamento de Loanda, continuassem os seus trabalhos e mandou que nos portos mais importantes da costa, frequentados por navios de longo curso, os governadores do distrito, com a assistencia dos delegados de saude competentes, organizassem brigadas sanitárias cometendo-lhes o cuidado da desratização e saneamento desses portos.

Normalizado o estado sanitario pelo conjunto de providencias acertadamente tomadas pelo Alto Comissário, uma nova carta organica da provincia de Angola foi por ele decretada, definindo as próprias atribuições suas e as dos funcionários seus dependentes, assim como as do conselho executivo, conselho legislativo e tribunal administrativo ou ainda as dos serviços de administração geral. Da mesma data, 4 de Maio, outros decretos se contêm no respectivo *Boletim Oficial* designadamente o que para o efeito da eleição dos vogaes não oficiaes do conselho legislativo estabelece grupos de distritos administrativos: primeiro grupo, os de Mossamedes, Huila e Cubango; segundo grupo, os de Benguela e Moxico; terceiro grupo, os de Quanza-Sul e Loanda; quarto grupo, os de Quanza-Norte e Lunda; quinto grupo os do Congo e Cabinda.

Os jazigos de diamantes

Como os interesses superiores da provincia exigissem que a pesquiza e exploração dos seus jazigos de diamentes fôssem feitas pelo Estado, ou por sua conta ou por meio de uma exploração conjunta, em ordem, a traduzir-se por uma consideravel participação do Estado nos capitaes e lucros da exploração; como paralelamente a exploração não póde fazer-se assim no regime de liberdade de pesquizas, o Alto Comissário interveiu no assunto, determinando que a pesquiza de diamantes fôsse de ahi por deante vedada. Egual providencia s. ex.ª tomou quanto a pesquiza e exploração dos jazigos de petróleo.

Os dois decretos são de 7 de Maio e logo em 12 o Alto Comissário, em outro diploma, considera que tendo-se reconhecido que da exploração conjunta dos jazigos de diamantes da provincia de Angola, pelo Estado e por uma companhia portugueza concessionária, resultam maiores vantagens do que da exploração directa realizada pelo serviço de minas da provincia ou de uma exploração de empreitada; e sabido que á Companhia de Diamantes de Angola pertencem importantes jazigos de diamantes, em cuja exploração o Estado tinha apenas a pequena participação de 5 % sobre o capital a empregar na exploração e que muitos outros podia ainda adquirir sob o mesmo regime de fraca participação do Estado, ao abrigo de exclusivos de pesquizas que lhe foram concedidos por sucessivos diplomas do governo de metrópole e por que por outro lado havia que reputar altamente inconveniente para os interesses da provincia, que tal regime de fraca participação do Estado, numa exploração de riquezas desta monta, se mantivesse e agravasse, o Alto Comissário, atendendo ás vantagens que a Companhia de Diamantes de Angola se prontificava a dar ao Estado, não só na participação de lucros mas outrosim sob o ponto de vista de suprimentos financeiros, decreta que a exploração dos jazigos diamantiferos da provincia, tanto de aluvião como de outra especie se faça pela referida companhia.

D'ahi vem não só que 5 % de todo o capital emitido, ou a emitir pela Companhia de Diamantes seja entregue á provincia, pela mesma Companhia, em acções inteiramente liberadas. Tratando dos casos em que se autorize a Companhia a realizar emissões de obrigações, ainda o governo da provincia de Angola, ponderadas as circunstancias de cada caso, terá direito a exigir que lhe seja dada nova participação não superior a 5 % em titulos de egual modo liberados.

A criação de Armazens Reguladores

O Alto Comissário em decreto publicado em 19 de Maio institue na provincia de Angola armazens reguladores, destinados a assegurar á população civil e militar, nas condições melhores de preço e qualidade, o abastecimento em géneros e substancias alimentares, bem como de quaesquer outros artigos essenciaes. Esses armazens funcionam em todas as localidades da provincia onde haja necessidade do seu estabelecimento e pelo tempo, sómente, que tal necessidade se mantiver.

Autorizam-se os administradores das circunscrições, e os capitães-móres, em face das requisições dos armazens, a comprar directamente aos indigenas os géneros, substancias e artigos que fôr mister. O governador geral fixará em conselho executivo os preços máximos da venda, pelos indigenas, dos géneros e substancias alimentares ou dos demais artigos por eles produzidos, sendo dada aos governadores de distrito a faculdade de alterar os preços para menos. Para fixação dos preços de venda de cada género ou artigo será o custo acrescido do máximo de 20 %.

Um crédito em conta corrente até ao limite de 300 contos é mandado pelo Alto Comissário abrir a favor dos armazens reguladores.

Ainda por um outro decreto se notificam os vencimentos e quadros do funcionalismo. O Estado, diz o Alto Comissário, deve reduzir ao minimo os seus servidores, escolhê-los de entre os melhores elementos da população, pagar-lhes bem, cercá-los de confôrto e comodidades, tornar-lhes possivel a vida de familia, que tanto concorre para a moralização dos meios coloniaes e para a dignificação do funcionário, empregado ou operário, ponderando que nas colónias a saude se depaupera mais rápidamente do que nas zonas temperadas, carecendo, por isso, os que nelas trabalham de melhores condições de reforma e aposentação do que os cidadãos cuja actividade é exercida, para bem da comunidade, em menos inhóspitas regiões.

Toda a correspondencia relativa a anuncios, assinantes e agentes deve ser dirigida á rua Luz Soriano, n.º 48, séde propria deste jornal, onde se encontram já instalados todos os serviços de administração.

Tabela de publicidade

1.ª pagina (cada linha)	5$00
2.ª e 3.ª paginas (cada linha)	1$50
4.ª e 5.ª » » »	2$50
6.ª e 7.ª » » » (em coluna estreita)	$15
8.ª pagina (cada linha)	2$00

Abatimentos para mais de cinco publicações

Comunicados, contracto especial

Administração: Rua Luz Soriano, 48

"Diario de Lisboa"

Vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

ELECTRICIDADE PORTATIL
Luzes de bolso!!!

Lampadas de algibeira, bastões, tarches, lanternas para trazer na mão, pilhas, baterias.
EFEITO SURPREENDENTE!
Descontos aos revendedores
Remete-se para a provincia
CASA TRIUNFO
R. Augusta, 72, 74
LISBOA

TRATAMENTO DA TUBERCULOSE
Do Prof WILSENGOLD
BRUXELLAS
LITHANE
DEPOSITARIOS
ALVARO CAMPOS, LIMITADA
103 Rua Garrett 1.º

NO ESTRANGEIRO

A LUTA DE MARROCOS

OS MOUROS REBELDES ATACARAM A POSIÇÃO ULAD COM GRANADAS DE MÃO

Os rifenhos iludem a vigilancia das sentinelas—Um grupo de mouros atacou novamente a posição de Atlanten

MELILLA, 8—As forças que guarnecem o monte Sebt, a posição do Ulad e o Blockaus do Llano foram atacadas pelo lado de Sidi-Said pelas duas horas da madrugada. Um grupo de rifenhos iludindo a vigilancia das sentinelas tropou por rochas escarpadas até proximo da posição lançando contra ela uma chuva de granadas de mão sem que comtudo atingissem o reduto. O holofote da posição de Sebt iluminou vivamente a posição de Sidi Said fazendo-se fogo eficaz de fuzilaria e metralhadoras sobre os rifenhos. Estes, não retrocederam, ficando muitos deles presos e com as carnes rasgadas pelo arame farpado que defendia a posição. Entretanto outros mouros atacavam o Atlaten tendo sido repelidos e tendo ficado feridos dezoito soldados espanhois.—(U. P.)

Um enviado mouro solicita o perdão dos espanhois?

MELILLA, 8.

Tem havido grande regosijo por motivo dos triunfos das nossas tropas em Sebt e Atlaten, que conseguiram, depois de rudes combates, quebrar a resistencia da harka e semear a desmoralização nas hostes marroquinas. Abd-el-Krin, seguido do seu logar-tenente e acompanhado de mil mouros de Bani Uriaguel, Tentamat, Regaso e Kert, dirigiu-se para as kabilas do interior, abandonando a luta nos territorios desde Melilla até Kert. Abd-el-Krin fazia extraordinario empenho em ganhar a batalha que se travou em redor do Gurugu, porque assim manteria o exercito espanhol cercado e manteria o seu prestigio. As perdas da batalha de Sebt desmoralizaram os mouros, que tiveram três mil baixas, tendo as kabilas de Mazuza, Beni Sicar e Beni Bruifuer abandonado o caudilho mouro.

Foi enviado um emissario mouro ás posições espanholas solicitando autorização para se apresentar ao coronel Riquelme para fazer entrega de armas e obter o perdão dos espanhois sem exigir quaisquer condições. Ignora-se como procederá Berenguer. — (R.).

Começam a aparecer bandeiras brancas?

MELILLA, 8.

Nalgumas posições avançadas da kabila de Beni bu-Ifruir apareceram bandeiras brancas, que foram retiradas algum tempo depois. Supõe-se que os cabilenhos de Beni-Said atacaram os de Beni-bu-Ifruir, obrigando-os a retirar as bandeiras e coagindo-os a combater contra os espanhois. — (U. P.).

Uma bomba fere muitos soldados espanhois

MELILLA, 8.

Uma das bombas lançadas pelos nossos aeroplanos, que ficou enterrada nas proximidades de Nador, explodiu quando um grupo de soldados a estava examinando, tendo ferido muitos deles. — (U. P.).

AS ORIGENS DA GUERRA

O QUE DIZEM AS MEMORIAS INEDITAS E INTERDICTAS NA ALEMANHA DO GENERAL MOLTKE, ANTIGO CHEFE DO ESTADO NAIOR

Uma entrevista com o celebre filosofo e sociologo alemão Steiner Rudolf

O jornal «Le Matin» publica uma entrevista de Jules Sauerwein com o dr. Steiner, o celebre teosofista, grande amigo do general de Moltke, o comandante em chefe do exercito imperial alemão, quando da declaração da guerra e até á batalha do Marne.

O dr. Steiner é um filosofo que vive em Dornach, rodeado por sabios que escutam a sua palavra, num lugar rodeado de montes, no cume de cada qual permanecem as minas de um castelo feudal.

Foi a ele que a esposa do general de Moltke incumbiu da publicação das memorias do general, que esclarecem singularmente os factos historicos de 1914. A publicação destas memorias devia ter sido feita em 1919, mas na vespera da data fixada para ela, Steiner recebeu a visita de um delegado do governo de Berlim, o qual lhe anunciou que a publicação de tais memorias lhe era interdita. Mais tarde Steiner recebeu a mesma intimação da parte de um general que havia sido ajudante de campo de Moltke e de Guilherme II.

Steiner quiz despresar tais intimações; dirigiu-se a Brockdorff-Rantzau, que então se encontrava em Versailles, mas inutilmente. Ao mesmo tempo, a viuva do general de Moltke recebia ameaças que a obrigaram a pôr a publicação de parte.

Foram estas as primeiros declarações que Steiner fez a Jules Sauerwein, quando este lhe disse de repente, no meio da conversa:

—Dizem que foi v. quem teve a culpa de que o general de Moltke perdesse a batalha do Marne.

Steiner continuou elucidando Jules Sauerwein, um homem a quem o liga uma amizade de quinze anos:

«Os meus inimigos trabalham para me expulsarem da Alemanha e da Suissa e, sobretudo, para impedirem a publicação das memorias de Moltke. Elas não conteem uma acusação formal ao governo imperial, mas demonstram que os gravissimos acontecimentos de 1914 foram dirigidos com uma leviandade e uma atrapalhação inconcebiveis; são a exemplificação clara das palavras do meu prefacio:—Não foi este ou aquele dos seus actos que os levou á derrota, mas a propria essencia da sua personalidade.»

E Steiner diz ainda:

«Era tambem este extraordinario metodo que fazia recair o peso das resoluções sobre um só homem, o chefe do estado maior, que se decidia por motivos puramente militares, pois a politica estava reduzida a zero.»

Steiner nunca falou de assuntos militares com Moltke senão depois da reforma deste; então, como era natural, o general expoz-lhe todos os acontecimentos que vêm contados nas Memorias.

No fim de lunho de 1914, Moltke, que era chefe do estado maior desde 1913, foi para Carlsbad por motivo de saude e nunca soube o que se tinha passado no celebre conselho de Potsdam, de 5 de junho, pois só voltou depois do «ultimatum» á Servia. Compreendeu imediatamente a parte que iam tomar no conflito, a Inglaterra e a França por um lado e a Russia pelo outro. E escreveu para o imperador um plano de operações, que só num ponto era diferente do plano de operações elaborado, *havia mais de quinze anos,* por Schlieffen, seu predecessor. Emquanto este *preconizava o ataque á França pela Belgica e Holanda, para guardarem os portos, como respiradouro, de Moltke abandonava a Holanda e limitava o ataque á Belgica.*

(Esta confissão é que é a causa do impedimento da publicação).

Em ambos os planos se determinava que grandes massas de homens se lançariam rapidamente sobre a França, para se chegar ao fim depressa, e um corpo de exercito iria entretendo a Russia que acabaria de ser vencida com os soldados disponiveis pela vitoria contra a França.

Quando Moltke chegou ao castelo imperial em 30 de Julho e pediu ao imperador que assinasse a mobilização, equivalente á declaração de guerra, pois desde esse instante as operações suceder-se-hiam automaticamente, o imperador assinou apenas que reconhecia «o perigo iminente de guerra». No dia seguinte, 31 de Julho, voltou a chamar de Moltke. O general encontra-o a tremer, rodeado por Bethmam-Holweg, Von Plesson, Linke e outros. Pronuncia-se contra o plano de Moltke, e diz-lhe que recebeu um telegrama do rei Jorge no qual lhe anuncia que a Inglaterra não só não tomará parte no conflito, mas que até impedirá a França de tomar parte na guerra, e que por isso é melhor dirigir todas as operações contra a Russia.

Moltke respondeu: «O plano deve ser executado tal como está». E continua dizendo que é preciso marchar imediatamente; declara que não acredita nos telegramas ingleses e como Guilherme II já lhe tivesse assinado a ordem de mobilização, sai. No caminho o seu automovel foi apanhado por um automovel ligeiro do imperador, que o manda buscar. De Moltke, antes de partir, entrega a ordem ao seu ajudante de campo e ordena-lhe: «Faça avançar as tropas».

Veiu encontrar o Kaiser mais agitado que nunca. Este mostra-lhe um telegrama em que o rei de Inglaterra lhe garante que o conflito será limitado ao Oriente e que a França e Inglaterra ficarão neutras. «E' preciso, concluiu o imperador, dar contra-ordem ás tropas». «Não se pode, respondeu o general, fazer parar um exercito por estas alternativas de ordens e contra-ordens». Então o imperador deu ordem ao seu ajudante de campo, de telefonar ás divisões, que se conservassem pelo menos a uma hora de caminho da fronteira. Moltke ausenta-se aniquilado; recusa-se a assinar a ordem que devia regularizar a ordem do imperador. A's 10 horas da noite o imperador manda-o chamar de novo e apresenta-lhe o telegrama inglês que acaba de receber em que o rei de Inglaterra diz que os seus telegramas foram mal compreendidos e diz que se não compromete em nada, nem em seu nome, nem em nome da França. O imperador termina dizendo a Moltke: «Agora faça o que quizer». Começou a guerra.

Nas manobras da batalha do Marne, von Kluck, que comandava a ala direita, conduziu por três vezes as operações muito rapidamente. Moltke disse-lhe: «Se nas operações a valer, andar tão depressa, perdemos a guerra».

Quando o exercito de von Kluck foi envolvido na batalha do Marne, Moltke exclamou:

«A Alemanha perdeu a guerra». Quando em 13 de setembro voltou ao quartel general estava doente. Falkenhayn, sem titulo oficial, comandou o exercito desde então. Alguns dias depois o general disse a Guilherme II: «Sempre sou eu quem conduz as operações?» «Parece-me que sim», respondeu o imperador. Durante três semanas nem o proprio imperador sabia quem comandava as tropas.

Steiner preguntou um dia a de Moltke, quando este lhe descrevia, horrorisado, como se encontrava a Belgica depois da tomada de Anvers:

«Como é que um ministro da guerra pôde dizer no Reichstag que o plano de ataque á Belgica não existia?—O ministro não sabia nada; só o chanceler é que o sabia.—E o Kaiser?—O Kaiser! respondeu de Molke energicamente. Nunca! era muito falador e indiscreto.

NOTICIAS DE PARIS

A VIAGEM DO MINISTRO DAS COLONIAS FRANCÊS ÁS POSSESSÕES AFRICANAS

O problema das estradas e o ensino profissional—Os chefes indigenas e o desenvolvimento das suas colonias

PARIS, 8.

O ministro das Colonias, Mr. Sarrault, continuando a sua viagem de inspecção e estudo, deixou a Guiné francesa em 1 de outubro para ir para Futa Djallon, onde visitou os estabelecimentos agricolas de Dababa e Seboria, dirigidos por chefes indigenas, tendo sido muito aclamado pelas populações. O ministro conversou longamente com os chefes indigenas, cuja inteligencia apreciou, o que permite esperar grandes desenvolvimentos e progressos da colonia. O ministro, a seguir, visitou a região de Kankan, povoada por uma população mais primitiva, mas cujo solo é feracissimo. O sr. Sarrault tem-se preocupado, sobretudo, com o problema das estradas e com o ensino profissional que deve ser ministrado metodicamente nas nossas colonias longinquas de Africa. — (R.).

Landru é julgado no dia 7 de Novembro

PARIS, 8—O processo Landru o celebre «Barba Azul» de Gambais, será julgado pelo tribunal de Versailles no dia 7 de Novembro. Landru será defendido pelo advogado De Moro-Giafferi.—(U. P.)

As republicas de Guatemala, S. Salvador e Honduras

Vão formar a Republica da America Central

LONDRES, 8

Reina grande satisfação entre as populações da Guatemala, San Salvador e Honduras, pela sua reunião sob o nome de Republica da America Central. As autoridades destes paizes juraram fidelidade ao novo pavilhão federal. — (U. P.).

AS GUERRAS NO ORIENTE

Um contingente britanico cae numa emboscada

Um oficial morto

LONDRES, 8.

Um contingente de tropas britanicas caiu numa emboscada que foi feita pelos rebeldes monlahs na região do Malabar. Foi morto um oficial inglês e um quartel-mestre, ficando feridos um tenente-coronel e quatro soldados. — (U. P.).

Os gregos destroem 78 milhas de linhas ferreas

LONDRES, 8.

Um comunicado turco diz que os gregos destruiram, durante a sua retirada, 78 milhas de linhas ferreas. — (R.).

O imperador do Japão

encontra-se no mesmo estado de saude

PARIS, 8.

A embaixada japonesa nesta cidade diz que o estado de saude do imperador do Japão se mantem estacionario.—(R.).

A QUESTÃO DO DIA

NO PORTO DE MACAU NÃO ENTROU NENHUM BARCO DE GUERRA CHINEZ

O encarregado dos negocios da China em Lisboa ainda não recebeu informações pormenorisadas do seu governo

Chalupas tripuladas por soldados—O inquerito das autoridades de Cantão—Os protestos do nosso ministro em Pekim—A conferencia de Washington

A três colunas na primeira página, «O Seculo» dá larga cópia de pormenores sobre um hipotetico conflito entre Portugal e a China. Na segunda página, porém, o sr. Ferreira da Rocha, ministro das Colonias, desmente, em parte, esses pormenores, significando que o incidente entre os dois paizes se está resolvendo diplomaticamente.

Ora vamos lá pôr isto a claro. O ministro da China em Lisboa encontra-se actualmente em Madrid. Desempenha agora as suas funções o sr. K. T. Kouo, encarregado dos negocios daquele paiz, que ainda não recebeu do seu governo um telegrama detalhado sobre o ultimo incidente de Macau. No entanto, apesar de todas as reservas do sr. Kouo, sabemos que os seus primeiros informes não condizem inteiramente com um telegrama recebido no ministerio das Colonias. A complicar tudo isto houve algumas reportagens felicitantes — o que não é um mal.

No porto de Macau não entrou um navio de guerra chinês com soldados a bordo, mas sim algumas vulgares chalupas, talvez com soldados. E' diferente, muito diferente. Sabe o leitor já, que os tripulantes dessas chalupas, depois de tomarem uma determinada atitude, adoptaram outra, conforme os desejos das autoridades de Macau.

O sr. Batalha de Freitas, nosso ministro em Pekim, apresentou ao governo chinês os protestos da Republica Portuguesa. Imediatamente o Celeste Imperio ordenou ás autoridades de Cantão um inquerito aos autores do incidente, que tem muito de sindicancia. E' já a primeira reparação que a China apresenta ao nosso governo.

Este incidente, causa longinqua do celebrado caso do porto de Marcau, não tem, como vêem, a importancia que se lhe atribue. As palavras do sr. ministro das Colonias no «Seculo» provam-no. O sr. Melo Barreto sabe-o tambem. Já lho disse antes o sr. K. T. Kouo, que vai frequentes vezes ao ministerio dos Negocios Estrangeiros.

O encarregado dos negocios da China em Lisboa espera do seu governo amplos informes do caso de Macau, para o liquidar, diplomaticamente, com o nosso governo.

A construção do porto de Macau não é uma questão eterna. «Porque a diplomacia vence tudo»—diz o sr. K. T. Kouo.

E ainda há mais:

Na proxima conferencia de Washington, onde se abordarão todos os problemas do Oriente, será, certamente, tratada a questão de Macau. Portugal, que foi convidado a fazer-se representar nessa conferencia, fará então prevalecer os seus direitos seculares.

Torna-se necessario um bom diplomata e um bom apoio. O sr. Melo Barreto, apoiado pela nossa velha aliada — a Inglaterra — conseguirá, sem duvida, pôr um ponto final a esta questão.

E até lá, bom seria que os fortes contingentes de tropas da nossa grande imprensa recolhessem a quarteis.

Não é verdade que o governo tencione enviar tropas para Macau

No ministerio das colonias nega-se em absoluto que o governo tencione mandar tropas para Macau, visto não haver motivo para tal. O caso ocorrido ali está sendo tratado pelas vias diplomaticas.

Ultimas Noticias

SÃO 4 E MEIA DA TARDE

Começa a reunião dos membros da "Comissão de Salvação Publica"

O sr. Cunha Leal diz de sua justiça e o sr. dr. Magalhães Lima indica ao jornalista o bom tempo que faz na rua

Passa a porta n.º 92, da rua de S. Roque, ou do *Diário de Lisboa* e de outros bons jornaes, o sr. dr. João de Deus Ramos. Já tinham entrado os srs. dr. José de Castro, capitão sr. Cunha Leal e o official da armada, sr. Peres Trancoso. Secretaria a reunião o sr. Carlos Abrantes. São poucos os convidados presentes, e muitos se sabe que não virão. Ausencia de Lisboa? Aborrecimento? Esquecimento? Não o sabe o dr. Magalhães. Falta de patriotismo, não.

O dr. Magalhães Lima não quer jornalistas na reunião. E' talvez justo. Demais a reunião é em sua casa, e a casa do cidadão é inviolavel, quando se não é convidado. O dr. Magalhães tem uma grande consideração pelo jornalista, mas a verdade é que o não considerou.

O dr. José de Castro, antes da reunião, conversa muito com o dr. Magalhães Lima, com certa inocidade, que se torna colectiva, e á qual o sr. Peres Trancoso, mais isolado e ainda indifferente, não se deixa de associar em espirito e em verdade física.

O sr. Cunha Leal, que tambem está de mal com os jornalistas novos, a quem rende o elogio, mas um pouco menos reservado com os de dura escola já prestada nas ásperas contingencias da profissão; o sr. Cunha Leal, á varanda da janela (emquanto o dr. Magalhães Lima, nervoso, vae bradando: «vamos a isto»), diz-nos:

—Bem vê. Os governantes estão atrabiliários, sem acção ordenada, sem energia nem decisão; o povo está indiferente, alheio, desiludido. No meio disto há muita gente que quere que isto caminhe e quere salvar o paiz, e para chegar a este objectivo só vê a revolução. A iniciativa do dr. Magalhães Lima visa evitar a revolução e tem um fim patriótico.

—Mas...

—Mas os partidos não abdicam e o Parlamento tambem não. Não haja ilusões. O Parlamento não é mau; mau são todos os Parlamentos. Eles têm que realizar uma enorme, complexa, variadissima obra de legislação, e não lhes é possivel fazê-lo dentro da sua estrutura e organização. Um Parlamento é para funcionar em plena normalidade; depois da guerra, com a acumulação de dificuldades, crises e exigencias constantes e imediatas, multiplicando-se constantemente, é impossivel um Parlamento servir, ser bom. O Parlamento não abdica, nem os partidos.

—Logo...

—Nesta iniciativa, nesta Comissão, está, pretendendo ter ordenação, o espirito revolucionário que visa a salvação publica, e que está no coração dos sinceros patriotas. Mas, como os partidos e o Parlamento não abdicam, estes saltam por cima da Comissão e neutralizam todo o seu esfôrço. A menos que...

— Que...

— Que a comissão saltasse por cima deles e fizesse a Revolução. Mas aqui estão as criaturas mais pacificas deste mundo, que exactamente o que não querem é revolução e esta, pois, será impossivel.

— E' inutil, pois, tudo isto.

— Não. Nada há inutil. Isto poderia ser um aviso serio aos governantes. Nada se perde...

Quizemos ouvir mais convidados. O ilustre presidente, dr. Magalhães Lima, está já mal disposto com o intruso e dizmos que em outro dia falará comnosco e que cá fora faz uma deliciosa tarde.

O jornalista, muito saudado, é visto pelas costas com geral agrado dos membros da Comissão de Salvação Publica. Ainda quizemos descortinar qual dos cinco presentes poderia ser ali o Marat, o Danton, o Robespierre, mas vimos apenas, já ao portal, a cabeça branca do velho romantico tribunicio, a barba conselheiral do sr. José de Castro e a face ampla e expressiva do sr. Cunha Leal, o que tudo pareceu de pessimo modelo. E ás 4 e 45 não tinha entrado mais ninguem.

A's 5 horas, subiram os srs. Sá Cardoso e dr. Ramada Curto. Agora é que é positivo que não chega mais ninguem.

O caso Liberato Pinto

Vai ser revisto o processo que condenou este oficial

O juiz sr. dr. Fernando Bartolomeu foi encarregado de rever o processo do tenente-coronel sr. Liberato Pinto, ex-chefe do estado maior da G. N. R.

O cruzador "Carvalho Araujo" segue brevemente para Angola

O cruzador «Carvalho Araujo», que está sofrendo umas pequenas reparações, logo que estas estejam concluidas, segue para a Africa Ocidental.

TEATRO CHIADO TERRASSE

Companhia LUZ VELOSO

Estando quasi completa a assiguatura para as primeiras representações, a empresa resolveu abrir nova *assinatura* para as 7 primeiras

Recitas Elegantes

que se realisam ás quartas-feiras com os seguintes originais portugueses em 1 acto: Na 1.ª—**A Prima Rosa quer casar**, farça de D. Maria Isabel Sousa Martins. Na 2.ª—**Nove d'Abril**, de D. Tereza Leitão de Barros, 1.º premio do concurso da *Capital*. Na 3.ª—**Corpo e alma**, de Alfredo Gamelro, 2.º premio. Na 4.ª—**O Degredado**, de Antonio Pinto de Almeida, 3.º premio. Na 5.ª—**Alma antiga**, de D. Maria Fernanda de Castro, 4.º premio. Na 6.ª—**Bolte perdida**, de Henrique Roldão. Na 7.ª—Uma peça classica.

As peças serão precedidas de pequenas palestras e os espectaculos completados por peças de reportorio ou por partes de concerto. Os senhores assinantes das prémieres têm preferencia aos seus logares até á proxima quarta-feira 12 inclusive. A abertura do teatro realisa-se brevemente com a peça italiana **Mario e Maria**. Bilhetes á venda para as primeiras representações.

Bolsa de Lisboa

Dia 8

CAMBIOS

	Comprador	Vendedor
Libra sterlina	47$50	49$
s|Londres cheque	6 3/16	6 1/16
» 90 d. v.	6 5/16	—
Rio s|Londres	6 13/16	—
s| Paris	741	757
s| Italia	412	421
s| Belgica	726	742
s| Suissa	1618	1658
s| Espanha	1355	1398
s| Berlim	84	90
s| Holanda	3330	3405
s| Nova York	1023	10450
Rio Brasil	77	71
T. Desc. Banco de Inglaterra	—	—
» » » Portugal	—	—
Agio do ouro	850	950

Além-mar

O sr. Bento Roma será nomeado governador de Cabo Verde

O sr. ministro das Colónias está na intenção de nomear governador de Cabo Verde, o major sr. Bento Roma, actual governador do distrito de Cubango, Angola.

O exclusivo do opio em Macau

Consta que a empreza concessionária de fabrico e venda de ópio em Macau, ja rescindiu o respectivo contracto, pelo que deverá ser posto em praça esse exclusivo.

Funcionarios de Macau

Foi exonerado de chefe dos serviços militares da provincia de Macau, o tenente coronel sr. Santos Oliveira.

P. S. DO E.

O sr. dr. Costa Ferreira tomou posse hoje de tarde

O ex-director da P. S. do E., sr. Pinto Serra, foi nomeado delegado do governo junto da Companhia da Zambezia

No Governo Civil, pelas 16,30, efectuou-se hoje a posse do sr. dr. Costa Ferreira, capitão-médico da G. N. R., do cargo de director interino da P. S. E. e de reorganizador da mesma corporação. Uzou em primeiro lugar da palavra, o director demissionário, sr. Pinto Serra, que justificou a sua acção e enalteceu as qualidades dos seus subordinados. Seguidamente, o novo director da P. S. E., num interessante discurso, apresentou o seu critério sobre o alto cargo que foi chamado a desempenhar, fazendo-lhe vêr o sr. governador civil, que tomou depois a palavra, quanto o governo e a Republica esperam dele. Ainda uzaram da palavra o sr. Carlos Magalhães Ferraz, conhecido revolucionário civil, e um agente, que em nome dos seus colegas, cumprimentou o sr. dr. Costa Ferreira.

O novo director da P. S. E. foi muito cumprimentado por dezenas de pessoas que enchiam literalmente o seu gabinete, entre os quaes notámos toda a oficialidade da policia, muitos oficiaes da G. N. R., e numerosos amigos pessoaes.

* * *

Compareceu hoje na repartição da P. S. E. todo o seu pessoal, excepto o sr. José Pinto Serra, que ontem se demitiu do cargo de director.

Parece certo, conforme noticiámos ontem, que vai ser dissolvida aquela corporação, sendo esperado com grande ansiedade no governo civil o «Diario do Governo» de hoje, que, segundo corre, deve trazer qualquer publicação a esse respeito.

* * *

Segundo nos informam, o sr. Jaime Pinto Serra, ex-director da P. S. E., foi nomeado delegado do governo junto da Companhia da Zambezia.

Governador civil

De boa fonte, sômos informados de que o sr. Lelo Portela desistiu do seu pedido de demissão, devido ás instancias do sr presidente do ministerio.

A assinatura presidencial

A assinatura presidencia de hoje realizou-se na residencia particular do Chefe do Estado, em consequencia do sr. dr. Antonio José de Almeida estar ligeiramente incomodado de saude.